

Alexandre Pandolfo

Pesquisador independente. Doutor pela PUCRS. Pós-doutor pela UFSC e pela UFPel.

Corpos de linguagens para um mínimo bestiário adorniano

O trabalho procura expor algumas questões provocadas por determinadas imagens dialéticas possíveis de se encontrar ou se chocar, no pensamento de Adorno, a respeito da corporalidade e da animalidade, especialmente recolhidas do livro *Minima moralia*. As suas aparências estão intrincadas às ambiguidades criativas de alguns dos mais importantes conceitos que se movimentam de forma constelacional nos escritos adornianos, tais como expressão, sofrimento, dominação e não-identidade, junto às múltiplas implicações que adquirem em torno à crítica da ontologia fundamental. Nesse cenário, o empenho em abordar a corporalidade e a animalidade vincula-se à tarefa de montar o que já é ruína. As imagens escolhidas apresentam-se como corpos de linguagens, cujas bordas, margens ou sombras, sobras ou assombros hoje não devem ser entendidos literalmente, mas fantasticamente. Trata-se de apresentar a ambiguidade de três corpos de linguagens bestiais, evocados desde o âmago da filosofia adorniana: o "Peixe n'água", o "Gato por lebre" e o "Mamute". O trabalho adota a forma do bestiário, que é uma forma fabulosa de coletânea, compondo transitoriamente um mínimo bestiário no pensamento adorniano, elaborando uma crítica estética e política desses corpos de linguagem. A abordagem é constelacional, isso quer dizer que o próprio empenho em selecionar e montar, em mostrar ou monstrar torna-se fantástico, por assim dizer, "ainda que seja realista no mais alto grau" – ele provém desta frase de Dostoiévski.